



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

**ESTEFANY CAROLINE FERREIRA MACHADO**

**AS CONTRIBUIÇÕES FREIREANAS PARA A ESCOLARIZAÇÃO E  
INCLUSÃO DE PESSOAS ADULTAS/IDOSAS NO PROGRAMA GETI**

**Castanhal- Pará**

**2022**

**ESTEFANY CAROLINE FERRERA MACHADO**

**AS CONTRIBUIÇÕES FREIREANAS PARA A ESCOLARIZAÇÃO E  
INCLUSÃO DE PESSOAS ADULTAS/IDOSAS NO PROGRAMA GETI**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado à Faculdade de Pedagogia, da  
Universidade Federal do Pará – UFPA, como  
requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada  
Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eula Regina Lima Nascimento

**Data da aprovação:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Conceito:** \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Nome completo do(a) orientador(a) precedido de titulação**

**Instituição a que pertence**

---

**Nome completo do(a) examinador(a) precedido de titulação**

**Instituição a que pertence**

---

**Nome completo do(a) examinador(a) precedido de titulação**

**Instituição a que pertence**

## **AGRADECIMENTOS**

Não poderia deixar de agradecer aqueles que participaram direta ou indiretamente desta pesquisa e de minha trajetória acadêmica e expressar por meio de palavras a minha gratidão a todas e todos. Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais Edmilson e Rilciane que sempre foram meus maiores apoiadores e incentivadores não só durante minha trajetória na universidade mas durante toda a minha vida, aos meus queridos primos Anderson, Thayssa e Vitória que sempre estiveram ao meu lado e muito me ajudaram quando precisei, também aos meus colegas que me acolheram de forma hospitaleira e terna.

A Universidade Federal do Pará, pública, gratuita, de qualidade referenciada, instituição que tanto me ensinou nesses anos que frequentei, este agradecimento vai para a universidade como um todo professores e todos os demais funcionários e colaboradores do campus de Castanhal.

Não poderia deixar de citar minha orientadora Prof.Eula Regina por sua dedicação, colaboração e paciência que teve comigo durante o período desta pesquisa. E à banca por ter se disponibilizado e aceito o convite de participar deste trabalho e por todas as contribuições dadas.

Obrigada!

## **SUMÁRIO**

1 O que é o programa de grupo de educação na terceira idade .....	6
2 O que é o projeto escolarização e inclusão de pessoas adultas/idosas .....	9
2.1 Caminhos de escolarização para inclusão.....	10
2.2 Alcances freireanos.....	11
3 A epistemologia freireana e as ações educativas transformadoras de vidas.....	12
4 Considerações Finais .....	22
5 Referencias .....	23

# **AS CONTRIBUIÇÕES FREIREANAS PARA A ESCOLARIZAÇÃO E INCLUSÃO DE PESSOAS ADULTAS/IDOSAS NO PROGRAMA GETI**

Estefany Caroline Ferreira Machado  
Eula Regina Lima Nascimento

Docente, UFPA, Faculdade Pedagogia, Campus Castanhal  
Discente, UFPA, Faculdade Pedagogia, Campus Castanhal

## **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo retratar na condição de bolsista da extensão universitária, o trabalho viabilizado no Projeto de Escolarização e Inclusão de Pessoas Adultas, Idosas no Programa Grupo de Educação na Terceira Idade/GETI. As ações pedagógicas eram realizadas por meio de rodas de conversa sobre as histórias de vida, visando desenvolver atividades de escutas, reflexões como parte constitutivas do processo de escolarização de pessoas adultas, idosas no âmbito do Programa Grupo de Educação na Terceira Idade, com participação de docentes, monitores, graduandas/os em formação, coordenadoras, corpo técnico-administrativo, convidados. A formação planejada ocorria a partir de dois encontros mensais, um direcionado para escuta, e outro para apresentação aos participantes das reflexões, em conexão com as histórias de vida das pessoas, realizados on line por conta da pandemia. O trabalho tinha como fundamento teórico, a Educação Popular, a Pedagogia do Oprimido, Freire, (1987), na qual o processo formativo é forjado na perspectiva da emancipação humana. Nesse sentido, a partir da interface com as histórias de vida, os resultados apontavam na perspectiva de compreender criticamente, criativamente os processos e itinerários formativos; construídos nas vivências individuais, coletivas, em contextos diversificados, possibilitando às pessoas de grupos sociais vulneráveis, a capacidade de dizer a sua palavra sobre seus processos de vir a ser; de inacabamento humano, de sua educabilidade humana, especialmente as mulheres adultas, idosas. Concluímos reafirmando o compromisso da Extensão Universitária com a inclusão, participação de pessoas adultas, idosas oriundas de comunidades menos favorecidas ao promover o desenvolvimento de escutas, reflexões capazes de contribuir com o processo de escolarização na perspectiva da educação pública, democrática, popular, gratuita, laica, inclusiva, de qualidade social, referenciada como direito humano basilar para

pessoas adultas, idosas/velhas da Amazônia Paraense. A pandemia limitou as ações do Projeto.

**Palavras-chave:** Escolarização, Inclusão, Pessoas Adultas, Idosas, Histórias de Vida.

## **1 - O que é o programa de grupo de educação na terceira idade?**

O trabalho que ora se apresenta retrata o Programa de Extensão Grupo de Educação na Terceira Idade/ afetivamente denominado de GETI, que oferta educação formal e não formal, por consequência favorece escolarização, inclusão de pessoas adultas/idosas, viabilizando ações concretas de educação, cultura, lazer, informática educativa, desde oito (08) de março de 1999.

Desde e sua inauguração, o programa continua funcionando no Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará - UFPA, ligado a Faculdade de Pedagogia, subunidade na estrutura multicampi e referência de formação docente de pedagogas/os, há quarenta (40) anos na cidade de Castanhal, atendendo inúmeros municípios da Amazônia Paraense.

O GETI nessas mais de duas décadas de funcionamento realiza prestação de serviços à comunidade castanhalense, tem na sua matriz norteadora freireana o compromisso político, pedagógico, institucional com os processos formativos de pessoas adultas/idosas, com vidas marcadas por negações de direitos, especialmente o direito à educação, em situação de analfabetismo ou baixa escolarização, em especial mulheres, em estado de vulnerabilidade social, econômica ao longo de suas histórias de vidas.

Pautado no legado Freireano, o GETI, conquistou espaço diferenciado junto à comunidade acadêmica, a sociedade castanhalense, especialmente, do populoso Jaderlândia, bairro periférico da cidade de Castanhal, no qual está situado o Campus Universitário da UFPA.

O programa por meio dos projetos de: Educação de Pessoas Adultas, Idosas; Bem-Estar Físico; Atualização Cultural e Informática Educativa tem favorecido a construção de outras pedagogias Arroyo (2018), e favorecido outras histórias de vida de pessoas, adultas, idosas, na sua condição de educandas, mães, avós, sujeitas de novos processos educativos, pois as mulheres idosas/velhas são a grande maioria, em média 90% do público atendido.

Historicamente, desde sua gênese, o programa de extensão, dialoga com a Constituição Cidadã, de 1988, no seu artigo n.º 205, que preconiza a educação como direitos de todos e dever do Estado, buscando favorecer educação pública, democrática, popular, gratuita, laica, inclusiva, de qualidade social referenciada como direito humano basilar para pessoas adultas, idosas/velhas.

O diálogo com essas premissas legais decorre da realidade enfrentada pelas pessoas do programa, que congregam em suas histórias de vida vários marcadores de exclusão social. Nesse sentido, o processo formativo aborda criticamente e criativamente pautas como democracia; gênero; classe; raça; deficiências; inclusão, envelhecimento humano, as quais fazem parte do cotidiano do programa e envolve dinâmica de engajamento, de militâncias por dentro e por fora dos movimentos sociais, tanto dos participantes, quanto de outros sujeitos como: educadoras/es, bolsistas, monitores, técnicas/os, gestores, pessoal de apoio.

O programa de extensão favorece o ensino e pesquisa na educação superior, bem como possibilita pontes entre educação superior com a educação básica; com trabalho educativo que impacta na formação de graduandas/os; pelo acúmulo de elementos teóricos e práticos na discussão sobre educação/escolarização/alfabetização de pessoas adultas; educação na velhice; envelhecimento humano; garantia de direitos da pessoa adulta, idosa na contemporaneidade, no diálogo com o arcabouço legal do Estatuto da Pessoa Idosa, Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, que sistematizou o ordenamento jurídico e as políticas setoriais relativas às pessoas idosas.

Nesse sentido, o Programa possui trajetória singular na vida do Campus de Castanhal, uma história com as licenciaturas, especialmente na formação de professoras/es do Curso de Pedagogia e demais cursos do referido Campus Universitário, como Educação Física; Letras (Português e Espanhol), Matemática, Engenharia da Computação, Sistema de Informação.

No percurso das ações de ensino, pesquisa e extensão, conquistou junto às administrações, ao Conselho do Campus a construção de espaço físico próprio, desta feita, possui prédio para a realização de suas inúmeras e diversas atividades de educação formal e informal, com quatro (04) salas de aula; uma (01) copa, uma (01) secretaria; um (01) salão multifuncional com capacidade para número superior de cem (100) pessoas e banheiros masculinos, femininos e adaptados destinado à pessoas com deficiência.

O espaço de convivência coletivo getiano, denominado oficialmente de Luís Otavio, *in memorian*, de um dos fundadores do programa, acolhe diariamente, no horário vespertino, discentes, docentes, acadêmicas/os dos diversos cursos de graduação que participam ativamente das atividades que envolvem a tríade ensino, pesquisa e extensão.

O programa atende anualmente, cerca de cento e cinquenta (150) pessoas adultas, idosas, em sua maioria mulheres, em situação de vulnerabilidade social, que são acolhidas com as atividades desenvolvidos pelos projetos, a saber:

- ✓ Projeto de Educação de Pessoas Adultas e Idosas, o qual atende os processos de educação/alfabetização/escolarização via modalidade de Educação de Jovens e Adultos e Idosos/EJAI, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Castanhal;
- ✓ Projeto de Atualização Cultural viabilizado com Rodas de Conversas, Atividades Artísticas, Culturais, Excursões, Caminhadas, Mutirões;
- ✓ Projeto de Bem-Estar Físico realizado via atividades físicas, corporais visando bem estar físico orientado pelas demandas de gênero, idade;
- ✓ Projeto de Inclusão Digital para Pessoas Idosas (IDIGETI) objetiva instrumentalizar para a utilização da tecnologia na contemporaneidade.

Os projetos são historicamente realizados via Editais da UFPA, com seleção de bolsistas, pelo período de um ano,. O programa possui o apoio da Coordenação do Campus; da Coordenação acadêmica, da direção das Faculdades do Campus; que possibilitam por meio da extensão universitária, selecionar bolsistas para garantir atividades educativas, socioculturais à pessoas adultas, idosas da comunidade do entorno do Campus, sobretudo pessoas da Jaderlândia, marcadas pela negação de direitos ao longo da vida, favorecendo subsídios teóricos e práticos aos graduandos em formação.

Ressaltamos que, nos últimos anos o número de bolsas e bolsistas, do Programa tem diminuído significativamente, devido aos cortes de verbas recorrentes sofridos pelas Instituições de Ensino Superior, dentre essas as universidades públicas brasileiras, situação vivenciada pela Universidade Federal do Pará, especialmente, pela Pró Reitoria de Extensão, a qual congrega programas e projetos desenvolvidos nos campi da UFPA.

O Programa GETI envolve uma rede de parceiros, com destaque para o Projeto de Educação de Pessoas Adultas e Idosas, desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal de Educação/SEMED/Castanhal fato que contribui para a manutenção da garantia do direito a educação, escolarização das pessoas que ingressam no programa em condição de analfabetismo, de baixa escolaridade.

A oferta de turmas na modalidade de Educação de Jovens, Adultos, Idosos/EJAI, no horário vespertino, único espaço de educação da rede municipal, que realiza a EJAI, pela rede de ensino oficial do município de Castanhal, durante o dia, uma vez que, as turmas da rede ocorrem exclusivamente no noturno, afastando, infelizmente, as educandas e educandos que não conseguem estudar no horário da noite por motivos variados, sobretudo aqueles relacionados a saúde e limitações relacionadas ao deslocamento noturno.

A parceria com a SEMED tem assegurado a garantia de materiais pedagógicos; merenda escolar; lotação de profissionais que atuam no programa. A equipe pedagógica é constituída de coletivo composto por quatro (04) docentes titulares, uma (01) merendeira, uma (01) professora auxiliar e um (01) cuidador, os dois últimos servidores dão suporte técnico e pedagógico às/os estudantes com deficiência, conforme o que rege a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015).

## **2 - O que é o projeto escolarização e inclusão de pessoas adultas/idosas**

Fundamentado no legado Freireano compreendemos história de vida, enquanto itinerário formativo, que traz para o centro de cena educativa as vozes, os espaços, as vivências, o lugar social, racial, histórico, enquanto processo formativo, de pessoas adultas, idosas, mulheres, homens.

Situado neste contexto, o projeto Escolarização e Inclusão de Pessoas Adultas, Idosas no Programa Grupo de Educação na Terceira Idade/GETI, trata-se de mais uma ação a transversalizar no programa GETI, orientado pelo legado Freireano, desenvolvido no formato dialógico, por meio de rodas de conversa sobre suas histórias de vida, visando desenvolver no município de Castanhal, atividades de escuta, reflexão como ações pedagógicas constitutivas do processo de escolarização de pessoas adultas, idosas, regularmente matriculados e frequentando as atividades.

Ressaltamos que embora as narrativas sejam infinitas em sua variedade e transitam, por exemplo, como “forma discursiva, narrativa como história, narrativa

como histórias de vida e histórias societais”, a partir de “teóricos culturais e literários, linguistas, filósofos da história, psicólogos e antropólogos” (JOVCHELOVITH & BAUER, 2008, p. 90-91), trazemos para o interior do projeto o potencial formativo, reflexivo da escrita autobiográfica.

Advertimos que, ainda de acordo com os autores em questão, pode-se dizer que: “através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (JOVCHELOVITH & BAUER, 2008, p. 91).

Outras ricas contribuições dos autores nos fazem perceber que “contar história implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal” (p. 91). e favorecem a materialização da educação humanizadora, crítica, emancipatória para pessoas adultas, idosas e todos os sujeitos que juntos constroem o projeto coletivamente, articulando Universidade Federal do Pará, Campus universitário de Castanhal, Faculdade de Pedagogia, Secretaria Municipal de Educação, Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa e sociedade civil castanhalense.

## **2.1 Caminhos de escolarização para inclusão**

Para o desenvolvimento do projeto foram planejados dois encontros, dos quais um diretamente com os integrantes do Programa GETI e outro com a equipe para apresentar os resultados dos encontros.

No primeiro caso, o encontro foi planejado para ocorrer em uma sala de aula ou no salão, com ambientação de escuta e contação das histórias de vida das pessoas adultas, idosas. Embora tenha sido estabelecido um quantitativo de participantes, a adesão de mais participantes foi planejada, haja vista que um dos nossos esforços é gerar práticas inclusivas.

No momento da roda de conversa são disponibilizados objetos, fotografias, frases, canções que estimulem as memórias dos participantes com o foco a discussão em torno da escolarização, inclusão, dentre outras questões envolvendo os processos formativos, a partir do tempo de vivência no GETI.

Ressaltamos que essa forma de organização das atividades pautadas em histórias de vida seguem uma lógica com alguns indicativos, próprios dessa abordagem.

Nesse sentido, com base nas escutas são construídos painéis a partir dos integrantes do projeto, de modo a organizar as narrativas com base nos eixos que estruturam os objetivos do projeto para socializar e promover discussões, reflexões com as pessoas adultas, idosas que integram o GETI, bem como, com participação dos profissionais atuantes, dos graduandos, ou seja, do coletivo como um todo.

Esses mesmos painéis, conjuntamente com as memórias produzidas por meio de imagens, vídeos, e caderno de anotações servirão de base para a produção de artigo do bolsista, do voluntário, bem como da organização da comunicação/debate promovido em seminário mesorregional sobre velhice, Inclusão e Educação ao longo da vida, realizado para culminar as ações realizadas no projeto.

O seminário tem como objetivo, não somente apresentação dos resultados das ações do projeto em questão, mas também o fortalecimento do debate em torno dos direitos humanos, do atendimento dos grupos vulneráveis, do papel da Universidade Federal do Pará, na Amazônia para produzir e disseminar conhecimento sobre velhice, inclusão e educação ao longo da vida, bem como na intervenção no ambiente social a partir desse debate, ou ainda do comprometimento desta universidade, por meio da missão que assume no seu Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI (2016-2025) e da Faculdade de Pedagogia para atender determinações legais e princípios estabelecidos no Projeto Político do Curso de formar educadores cômicos do seu papel na Amazônia Paraense.

## **2.2 Alcances freireanos**

Desenvolver no município de Castanhal atividades de escolarização e inclusão de pessoas adultas, idosas no GETI a partir de rodas de conversa, sobre as histórias de vida dos adultos, idosos, enquanto processo formativo; Dialogar com pessoas adultas, idosas sobre a relação das suas histórias de vida, os itinerários formativos com seus processos de escolarização; Construir com os idosos a percepção coletiva da relação das suas histórias de vida com processos de inclusão, emancipação; Promover a compreensão das conexões sociais entre as variadas histórias de vida das pessoas adultas, idosas frequentadores do GETI; Fortalecer junto as pessoas adultas, idosas e aos profissionais que atuam no GETI o papel da UFPA na construção de processos inclusivos de grupos vulneráveis; Realizar um seminário mesorregional sobre velhice, Inclusão e Educação ao longo da vida.

### **3 A epistemologia freireana e as ações educativas transformadoras de vidas**

O programa tem como fundamento teórico/metodológico o legado Freireano, apreendido como pressuposto básico da Educação Popular, no qual o processo formativo é forjado na perspectiva da emancipação humana, no caso do GETI, na interface com as histórias de vida de mulheres, homens que historicamente tiveram negados direitos básicos fundamentais em suas vidas, dentre esses a educação pública, gratuita e de qualidade referenciada.

A epistemologia Freireana orienta o processo formativo, o trabalho pedagógico no GETI ao longo de sua trajetória de ações educativas transformadoras, que impactam tanto na vida das pessoas adultas, idosas, como da comunidade acadêmica, que ao longo de mais de vinte anos estão convivendo de forma harmoniosa, em relações intergeracionais, em novas experiências, com múltiplas oportunidades de aprendizados, na aventura da vida.

O legado produzido por Paulo Freire dedicado a problematizar a educação, a sociedade e as relações produzidas nesses contextos, nos inspira a pensar o projeto Escolarização e Inclusão de Pessoas Adultas/Idosas desenvolvido no Programa Grupo de Educação na Terceira Idade/GETI, com base em quatro dimensões organicamente relacionadas a partir de máximas cunhadas pelo referido autor que implicam questões de ordem cultural, política, ideológica, social e histórica.

Seus postulados incidem em um modo de pensar criticamente uma pedagogia que se faz a partir dessa multiplicidade de questões que afetam a sociedade e, por consequência, a vida de todos aqueles que “pertencem”<sup>1</sup> a esses contextos sociais. São dimensões que, a rigor, refletem uma compreensão de ser humano a ser forjado para a emancipação, para a libertação pela educação, mas não somente pela educação formal, haja vista que os processos educativos não prescindem exclusivamente da escola.

O entendimento de que a emancipação se manifesta como algo a ser perseguido cotidianamente reflete a compreensão do autor em questão de que vivemos em processos sociais que nos aprisionam, nos limitam, marginalizam e usurpam a nossa

---

<sup>1</sup> Nosso entendimento de pertencimento se espalha para além de uma questão de ordem burocrática, a exemplo da nossa documentação (RG) que afirma sermos brasileiros, alfabetizados ou não, etc. Pertencer é reflexo de níveis de conquistas de ordem social, assim como níveis de acolhimento, respeito e tolerância que refletem, por consequência, níveis de comprometimento da sociedade com todos/as, indistintamente, expressos, por exemplo, por práticas de igualdade e equidade promovidas, justamente, pelo reconhecimento de que as condições de acesso ao bem comum não são iguais para todos/as.

dignidade, nos colocando na contramão de direitos fundamentais, a exemplo da educação.

Na medida em que nos faz refletir acerca do sujeito a ser educado, Paulo Freire nos oportuniza discutir um projeto de sociedade que vislumbramos a partir do que temos/somos e o que queremos ter/ser.

Nesse sentido, assumir a concepção freireana como referência para fazer educação e a conseqüente consolidação de práticas pedagógicas escolares à luz desse referencial implica em assumirmos a obra deste autor como modo de vida, como base orientadora das nossas práticas, atitudes, o que implica em uma filiação a essa concepção de educação, sem perder de vista as dimensões do exercício crítico e do exercício democrático, as dimensões afetivo-emocionais e socioculturais, além das dimensões integradoras, pedagógica, subjugadoras e das contradições. Sobre cada uma dessas dimensões nos deteremos a seguir que, embora tratadas em tópicos distintos, assumem, relação orgânico, de pertencimento e unidade.

#### **a) Dimensões do exercício crítico**

A dimensão do exercício crítico nos possibilita, apoiados em Paulo Freire assumir o entendimento de que esse exercício demanda ação/reflexiva, a passagem de uma condição de alienação para a tomada de consciência das coisas no mundo, o reconhecimento da nossa condição e a tomada de decisão frente aos dilemas constitutivos dessa condição. Ser crítico, portanto, demanda militância com base em princípios político-ideológicos. Sem o comprometimento que se faz na ação estamos fadados/as aos aprisionamentos.

Nesses termos, é preciso resistir assumindo na “compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser” (FREIRE, 1996, p. 87). Rebeldia contra toda forma e força de marginalização, de preconceito, de naturalização de condições sociais desiguais, de usurpação da nossa dignidade.

A criticidade do qual fala Paulo Freire pelas vozes de outros intelectuais aponta para “outro modo de pensar a existência humana”, modo esse que nos faz assumir o entendimento, segundo Streck, Redin e Zitzoski (2010, p.34) de que:

Dizer não aos fatalismos e às posturas sectárias já é comprometer-se com uma nova perspectiva de pensar a educação e agir enquanto cidadãos. Somos todos vocacionados para ser mais e jamais estamos condenados a repetir o que já somos. Enquanto seres inacabados, estamos em busca de novas

possibilidades e podemos realizar algo que hoje apenas *é sonho*, mas que pode tornar-se realidade por ser uma *utopia possível*. (grifos dos autores).

Fazendo assim, estaremos confrontando um sistema que não teme o pobre faminto, mas o pobre que pensa, haja vista que, segundo Demo (2001, p.320) “o que mais favorece o neoliberalismo não é a miséria material das massas, mas sua ignorância. Esta ignorância as conduz a esperarem a solução do próprio sistema, consolidando sua condição de massa de manobra”.

Enfrentar esse desafio demanda da educação a função central, de teor reconstrutivo político, voltado para “desfazer a condição de massa de manobra” (DEMO, 2001, p. 320). Para tanto, assumindo a ideia de que a educação libertadora não é sinônimo de educação sem autoridade, portanto, uma educação rigorosa, livre e criativa nos faz depreender que nossa ação política é ação séria, exigente (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010). Assim, a criticidade que nos alimenta e move não é representada por ações irresponsáveis, descompromissadas, pautadas na rigidez e no autoritarismo, ao contrário, nossas ações são a expressão da nossa indignação frente ao que temos, ao que queremos, ao que somos e ao que desejamos ser.

Ninguém ousou ou ousa se contrapor a ideia de que pensar os rumos da humanidade significa se ocupar de debates relacionados a educação, a sociedade, a escola, a família e a realidade. Essas dimensões são a expressão máxima de quem somos, de onde estamos, de quem queremos ser e onde queremos chegar.

A escola, a universidade, os movimentos sociais são expressões de que somos educáveis. “Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. (FREIRE, 1996, p. 64).

O empreendimento de um projeto de educação libertador demanda o comprometimento de todos. Entender que a realidade é fruto de um projeto de sociedade vigente, mas não está dado como algo pronto e acabado e que, portanto, nos possibilita agir em outras direções. Essas máximas devem ser assumidas como referência primeira em relação a qualquer projeto que se deseja implementar em um espaço de educação institucionalizada. Assim, não devemos assumir um entendimento romântico de que toda prática educativa é libertadora, comprometida com a diversidade, com o/a oprimido/a. As intencionalidades educativas por serem ideologicamente consubstanciadas, estarão sempre a serviço de certos interesses. Precisamos garantir que

estejam a serviço dos nossos interesses, interesses esses que são pautados na solidariedade, amorosidade, no bem comum, na tolerância, etc.

Esses apontamentos nos conduzem ao entendimento de que o processo educativo, portanto, o processo político pedagógico deve ser antes de tudo a expressão da realidade, não no sentido de assimilação do que está posto sem indagações ou questionamentos, mas do que pode oportunizar a participação daqueles que constituem a escola, uma vez que:

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformar [...]. Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirna; [...] Isto é verdade se se refere às forças da natureza [...] isto também é assim nas forças sociais [...]. A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer. (FREIRE, 1977, p. 48).

Integrar sociedade, educação, escola, família e realidade representa ação político-ideológica que expressa uma rede de relações produtora de outros sentidos para a existência humana. Os sentidos são diferentes dos significados. No caso desse último trata da expressão de uma compreensão dada, em alguma medida cristalizada, já o sentido, este expressa o olhar emanado da relação entre um indivíduo, um objeto/fenômeno, suas experiências de vida, convicções e aprendizados. Portanto, são modos de ver/perceber que variam, se modificam, são plásticos, elásticos, fluídos.

Assumir essa plasticidade em termos de sentidos em relação ao que o projeto de extensão Escolarização e Inclusão de Pessoas Adultas/Idosas desenvolvido no Programa Grupo de Educação na Terceira Idade/GETI pode contribuir a partir da integração entre sociedade, educação, escola, família e realidade, não significa que abandonamos o rigor, mas que garantimos a autonomia necessária para que o processo educativo seja a expressão dos esforços em torno do enfrentamento do que vai de encontro a uma pedagogia problematizadora, reflexiva, dialógica, libertadora, portanto, crítica.

## **b) Dimensões do exercício democrático**

A dimensão do exercício democrático que congrega máximas freireanas como autonomia, autoridade, cidadania, coletividade, dialogicidade, empoderamento, liderança e participação, amplia nossos horizontes frente ao que podemos construir no contexto do GETI, por meio do projeto em questão e dos demais projetos e na relação deste programa com a comunidade e outros organismos com potencial de deliberação e diálogo, em favor do que já conquistamos desde a Constituição de 1988.

Viver processos democráticos demanda o exercício da autonomia, está por sua vez é um princípio pedagógico para educadores que se dizem progressistas e que, portanto, assumem o discurso com o outro e não para ou em nome do outro. Discurso este orientador da prática que resulta da problematização da realidade. Portanto, não assume os determinismos, mas a possibilidade de fazer história, outra história. Progressista, por que assume a possibilidade de construção de outras alternativas “aos processos domesticadores da indústria cultural, que busca homogeneizar as formas de pensamento e alienar nossas consciências diante da realidade que constitui nosso *ser no mundo*”. (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010, p. 27).

Para Paulo Freire, autonomia é o próprio ser humano compreender-se capaz de libertar-se das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades. (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010, p. 92). Ela é, portanto:

[...] um processo de decisão e de humanização que vamos construindo historicamente, a partir de várias, inúmeras decisões que vamos tomando ao longo de nossa existência. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. [...] A autonomia, como amadurecimento do ser para si, é um processo, é vir a ser. (FREIRE, 1996, p. 120-121).

Ser autônomo, crítico, dialógico, demanda, por exemplo, que no exercício de gerir, de educar, sejamos capazes de assumir o entendimento de que dividir responsabilidade e reconhecer a autoridade do outro não nos desempodera, pelo contrário, nos fortalece como sujeito social. Autonomia exige de nós o reconhecimento do lugar de onde falamos que, em muitos aspectos, e em função de muitos condicionantes, sobretudo os sociais, nos coloca na condição de classe que, pela participação, diálogo e exercício coletivo constrói processos que empoderam as massas.

Talvez essa dimensão seja uma das mais caras em relação ao nosso exercício de pensar um projeto de educação porque expressa níveis de relações assimétricas, desiguais, verticais, que vão desde os espaços da sala de aula, passando por outros ambientes internos as instituições e se amplia para espaços sociais, de deliberação, mas também da vida cotidiana. O exercício democrático é, por excelência, um exercício de valorização do diálogo, da construção coletiva e de combate as exclusões, as negações de direitos e aos silenciamentos historicamente construídos e fortalecidos pelos/as opressores/as.

Se de um lado, o conflito pode ser assumido como pertencente a processos dialógicos, há que se pensar que nem sempre essas situações de contradição de ideias e ideais estão concatenadas com um projeto de sociedade em que a diferença e a

alteridade sejam a expressão da garantia de processos inclusivos, haja vista que as referências ideológicas variam no tempo, espaço e no potencial alienador. O poder que da ideologia emana é capaz de negar a uma geração inteira direitos fundamentais e por reconhecer seu potencial marginalizador, opressor e excludente é que precisamos estar atentos ao nosso tempo.

De acordo com Arroyo (2018, p. 2) a Pedagogia do Oprimido expressa uma importância na atualidade do mesmo modo como foi outrora, isso porque “a opressão continua, os oprimidos aumentaram, os processos de opressão não só se repetem, mas se aperfeiçoam em refinamentos. Os oprimidos são decretados criminosos. Extermináveis como militantes, e até como jovens, adolescentes e crianças”. (ARROYO, 2018, p.2). Nesses termos, o pensamento freireano é atual,

[...] porque a opressão é atual. As violências de Estado são atuais e requintadas contra os mesmos: os trabalhadores e seus direitos, os jovens pobres, negros, periféricos e seus extermínios; os movimentos sociais por direito à terra, teto, trabalho, renda, saúde, educação, por identidades de coletivos reprimidos, exterminados. Tempos de anulação política das formas de resistência de classe dos oprimidos. Tempos de jogar milhões ao desemprego, a sem direitos do trabalho, e sem um futuro previdenciário, tempos de concentração da renda e da terra em mãos de poucos e de aumento da miséria, da pobreza, de sem-renda, sem-terra, sem-teto, sem-trabalho. Tempos de aumento dos oprimidos, de radicalização das formas de opressão tornam de extrema atualidade Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido (ARROYO, 2018, p.2).

Desse modo, conflito, diferença, alteridade, ideologia, poder são máximas que devemos assumir como referências para pensar processos de desconstrução e reconstrução de práticas sociais excludentes, marginalizadoras, negadoras de direitos fundamentais que atentam contra dignidade humana.

Na medida em que assumimos a escola como espaço de produção e circulação de cultura, de problematização da realidade e de manifestação de outras possibilidades de nos fazermos humanos/as, assumimos as nossas práticas pedagógicas como motes dessas possibilidades escolares. Práticas estas que devem assumir um movimento estratégico que não deixa de visitar e conhecer por dentro toda e qual forma de organização educativa, para garantir que suas escolhas sejam reflexo da sua consciência sobre contra ou a favor de quem ou do que deve lutar.

Assim, um projeto de sociedade tem no diálogo uma força mais esperançosa e propositiva, na medida em que “o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico problematizador em relação à condição humana no mundo [...]. Além disso, o diálogo

implica uma *práxis social*, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora” (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010, p. 92).

Desse modo, o exercício democrático exige que “coletivamente homens e mulheres participem de ações transformadoras num processo dialético de denúncia e anúncio, manifestando [...] um empoderamento político-social” (FREIRE, 1987, 121).

### **c) Dimensões afetivo-emocionais**

Temos vivido várias situações de relações desastrosas, dolorosas, desumanas, capazes de adoecer homens e mulheres, desde a infância até a velhice. Por afetividade entendemos o processo constituído de experiências positivas e negativas, boas e ruins. Afetivo vem do sentido do que afeta, do que marca, do que é inscrito em nós, não mais como vir a ser, mas do que já é pela experiência vivida.

Em sentido positivo a afetividade pode ser pensada a partir da tolerância, da solidariedade e amorosidade. Quem tolera, tolera porque se faz afetivo, amoroso, solidário. “A amorosidade freiriana que *percorre* toda sua obra e sua vida se materializa no afeto como compromisso com o outro, que se faz engravidado da solidariedade e da humildade” (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010, p. 65).

Nesse sentido, “o amor é um ato de coragem, [...] o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico” (1987, p.76) e exige confiança como marcos de um caminho a ser construído enquanto se caminha “onde os homens e as mulheres tomam consciência de si em relação com os outros e com o mundo da natureza e da cultura, da mediação pelo trabalho com o conhecimento e com a VIDA pelo diálogo como potencialidade existencial do ser humano” (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010, p. 65).

Pela amorosidade nos aproximamos do belo, do exercício tolerante que não nega os conflitos, as contradições e tensões, portanto, nos humanizamos, o que nos implica com a convicção de que:

O respeito do educador à pessoa de seu educando, à sua curiosidade, à sua timidez exige o cultivo da humildade e da tolerância, isso significa garantir a convivência com as diferenças sem jamais excluir o debate, o diálogo sobre as diferenças em que educador e educando se põem e se contrapõem ao redor do que lhes é comum: a vida, o mundo e os outros (STRECK, REDIN E ZITKOSKI, 2010, p.354).

Nesses termos, confiança, estética, esperança, humanização, humildade, solidariedade, tolerância e amorosidade são forças motrizes que nos afetam e que

produzem em nós variadas experiências, ora de frustração, ora de conquista, ora de indignação, hora de silenciamentos. É preciso lutar a favor e contra as afetações, os sentimentos que produzem em nós e nos outros, experiências prazerosas ou dolorosas, de impulsionamento ou de paralização, que alimentam a nossa capacidade de dizer, de comunicar nosso modo de conceber a vida ou de calar. É na solidariedade que nos irmanamos em favor das marcas que desejamos deixar registradas na história, nos cotidianos escolares e não-escolares, na vida de quem, por alguma razão, atravessou ou atravessará nosso caminho.

#### **d) Dimensões socioculturais**

Assumir a educação como cultural significa assumir a ideia de educações como condição do existir humano que se manifesta de variados modos e que expressam saberes nem mais nem menos importantes.

Segundo Streck, Redin e Zitkoski (2010, p.359) “ao vincular a identidade à cultura, Freire aponta para o seu caráter fluido, para a constante mutável e mutante da humanidade, para uma concepção de sujeito em permanente processo de transformação”. Nesses termos, “Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais” (FREIRE,1987, p. 92).

Dentre os muitos desafios de pensarmos a educação existe uma questão que é pano de fundo em relação ao processo de escolarização das crianças, jovens, adultos e idosos. Trata-se de valorizar a cultura local que, em grande medida, ocupa o cotidiano dos estudantes. Reconhecer as condições existenciais e as marcas culturais significa correlacionar o conhecimento historicamente acumulado com o contexto no qual se vincula o educando. Assim, precisamos combater projetos de educação que não somente desconhecem como desvalorizam e desrespeitam a cultura que circula dentro das instituições, emanada do contexto no qual ela está inserida, fruto das vivências cotidianas de cada educando.

A educação deve ser para o/a aluno/a o reflexo dos elementos identitários que os constituem. Sua cultura deve ser ponto de partida e de chegada para qualquer processo de escolarização que se julgue comprometido com a transformação da sociedade, com vistas a garantia dos direitos, não só a educação, mas a todos os direitos fundamentais de todos nós.

Pelas dimensões círculo de cultura, identidade cultural, multiculturalismo, síntese cultural, unidade na diversidade, invasão cultural é possível colocar em xeque práticas curriculares que uniformizam o saber, negligenciam as experiências culturais diversas e produzem distanciamentos entre o que está estabelecido, com o que deve ser ensinado/aprendido. Um projeto de Educação sem a tomada de consciência dessas práticas perde de vista a possibilidade de garantir processos educativos contextualizados.

Com o apoio das questões que vimos apresentando até o presente momento é possível pensarmos as relações opressor/oprimido discutidas por Paulo Freire como fruto das relações socioculturais. Historicamente a relação da humanidade com o poder tem produzido inúmeros processos de exclusão social, fruto da alienação, ou seja, da nossa incapacidade de ver para além daquilo que alguém nos faz enxergar. Como consequência dessa condição vivenciamos situações de exclusão que é, por excelência, um processo de violência que pode se materializar desde práticas opressoras veladas até aquelas cuja a ação de outrem nos coloca na mais degradantes das experiências, a experiência da dor.

Esses apontamos nos permitem a luz da produção de Paulo Freire compreender que:

[...] nas relações conflitivas e contraditórias de nosso tempo, hegemônicas, mas não totalizadas pelo capitalismo, determinados grupos ou classes sociais se apressam em organizar relações de modo a se colocar vantajosamente na sociedade, em detrimento da maioria das pessoas, da sua alienação. A alienação – expressa como invasão cultural, domesticação, opressão, Mecanicismo. [A alienação é entendida] como a perda da condição de sujeito na sociedade. Perda efetiva nos processos históricos, que reduzem as populações a condições desumanas de vida à subserviência, a posições de exploração que diminuem a capacidade dos homens de ser mais. (STRECK, REDIN E ZITKOSKI, 2010, p.57).

Se opor a processos alienantes nos obriga a tomar posse das possibilidades de fazer história, aprendendo que “é difícil fazer história, e como é importante apreender que nós estamos sendo feitos pela história que fazemos no processo social dentro da história”. (FREIRE; HORTON, 2003, p. 204). Aprendendo também que “não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: Sua base é inclusiva ou excludente? (FREIRE, 1996).

Com base neste questionamento nos colocamos a pensar as consequências de não nos assumirmos ideológicos, contra hegemônicos. As consequências são justamente as inúmeras situações de violências as quais somos submetidos ou coniventes. Segundo Streck, Redin e Zitkoski (2010, p.681) a violência é configurada como “abuso

intencional de poder e força (simbólica, material, física, tecnológica, financeira, etc.) que lesa a vítima, a violência implica uma transgressão de valores e o desrespeito à alteridade”.

Se pararmos para pensar nas características das relações que vimos experimentando dentro e fora de ambientes de ensino/aprendizagem, certamente teremos muitos exemplos para listar em relação a situações de violência contra nós mesmos e contra outrem, ou mais que isso da nossa própria condição de opressor que da mesma força que tem seus direitos violados, também viola o direito do outro. Nos parece que o exercício de assumir a visão freireana de educação nos obriga a um exercício de autorreflexão, de reconhecimento dos nossos próprios limites de lidar com as diferenças, com os conflitos, com as adversidades.

Observamos as pessoas adultas, idosas indo e vindo no Campus com protagonismo diferenciado, em relação a própria historicidade, na busca de irromper com as marcas da negação de direitos no corpo, na face, fato que lhes confere uma autoria distinta, com uma corporeidade peculiar, que transcende as balizas geradas por um projeto social de opressão, dado evidenciado em suas roupas coloridas, com a logomarca do Programa, com seus sorrisos marotos no rosto, gesticulando, acenando, desejando boa tarde, no movimento intergeracional, que inspira o desafio de transformar a vida em ação, no continuo a vir a ser.

A vida cotidiana do programa se faz e refaz no protagonismo dos sujeitos, subindo e descendo dos ônibus intermunicipais, municipais, com as pessoas adultas, idosas, assumindo novas historicidades, pois antes tímidas, caladas, no decorrer do ano vão rompendo com seus medos, desabrochando travando uma boa prosa com as pessoas do campus, bem como, com cobrador ou motorista, por não haver parado no devido ponto, que a pessoa deu o sinal, ou por outras questões ligadas as limitações do transporte público castanhalense.

Assim, alienação, exclusão social, opressor/oprimido, violência são as marcas de processos subjulgadores vivenciadas nos espaços sociais, resultantes da manutenção do *status quo* pelo oprimido, pois como diz Simone de Beauvoir “o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os oprimidos”. (1970, p. 38). É contra tudo isso que estamos lutando por dentro do projeto Escolarização e Inclusão de Pessoas Adultas/Idosas desenvolvido no Programa Grupo de Educação na Terceira Idade/GETI.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A premissa de ouvir as histórias de vida, as identidades humanas, enquanto processo formativo, passa pela perspectiva de trabalhar os direitos humanos e favorecer o combate à discriminação e a violência em diversas áreas, especialmente as questões raciais, de classe, de gênero, uma vez que, nas escutas pedagógicas a maioria das mulheres adultas e idosas, já vivenciou situações de violência doméstica ao longo da vida.

Favorecer reflexões sobre as trajetórias pessoais e no diálogo com questões raciais, ou seja, discutir com as mulheres negras o racismo, o machismo, a violência doméstica, com a perspectiva de elevar a autoestima, o processo de enfrentar os desafios de viver, conviver em realidades opressivas, opressoras representa o comprometimento da UFPA por meio de seus projetos, programas de extensão universitária.

Rememorar os momentos marcantes da infância, da juventude, da adultez, e da velhice, situações vividas e pouco refletidas, pois situações com as quais possam abordar assuntos complexos, delicados, que ferem a dignidade, potencializa, por um lado, essas leituras na vida destas pessoas, fortalecendo a auto estima, a sua identidade, por outro lado, expande a formação dos futuros professores a partir de experiências formativas que articulam ensino, pesquisa extensão a partir de pautas politicamente comprometidas com a vida.

Ousamos dizer que atuamos frente a garantia da cidadania e contribuimos para que as pessoas busquem protagonizar outros itinerários formativos pautados nas superações, inspirações, interações, na esperança, no diálogo para construção de uma sociedade democrática, justa, humana, inclusiva. Assim, a universidade tem sido chamada para fortalecer as instituições, os movimentos sociais e os processos formativos para a emancipação humana, reconhecendo o inacabamento como princípio educativo gerador das ações sociais, culturais, políticas, históricas.

## Referência

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel G. **Paulo Freire**: Um outro Paradigma Pedagógico? 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Org. Marcos Antônio Oliveira. Coord. Anne Joyce Angher. 13º ed. São Paulo: Rideel, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso. Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003**. 2. ed. rev. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. – 3. ed. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019. Lei no 13.146/2015.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 4. ed. Tradução de Sérgio Milliet. Capa Fernando Lemos. São Paulo. Difusão Europeia do Livro, 1970.

DEMO, Pedro. Conhecimento e Aprendizagem: atualidade de Paulo Freire. *In.*: Carlos A. Torres (org.) **Paulo Freire e a Agenda da Educação Latino-Americana no Sec. XXI**. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

CACHIONE, Meire. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para Terceira Idade**: A experiência dos alunos da Universidade São Francisco. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação UNICAMP. Campinas, SP. 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Guiné-bissau**: registros de uma experiência em processo. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **Medo e Ousadia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

JOVCHELOVITCH, Samdra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. *In.*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides. ZITKOSKI, José. Paulo Freire: Uma breve cartografia intelectual. *In.*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides. ZITKOSKI, José.

(Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. – 2. ed., rev. amp. 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2016-2025)**. Acesso em 10 de junho de 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Nilda/Desktop/PDI-2016-2025.pdf>